

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul

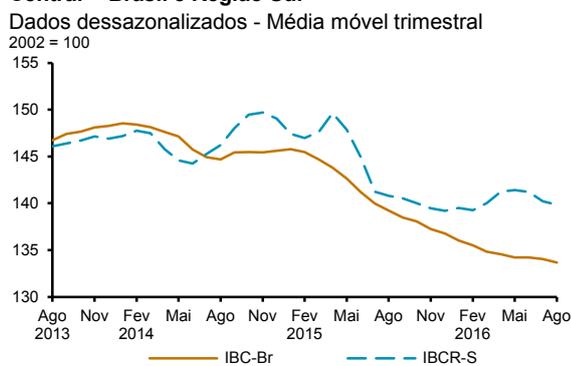
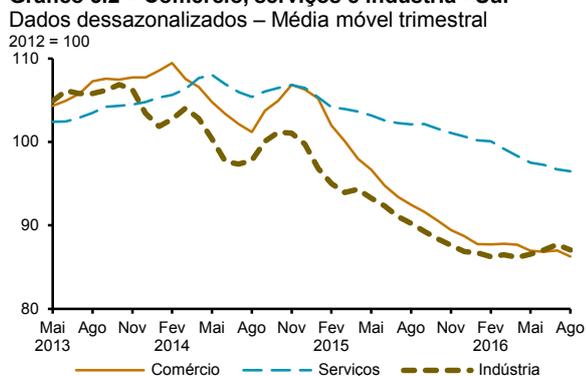
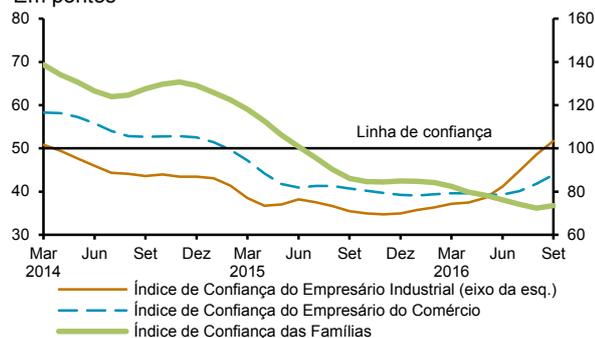


Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria - Sul



Fonte: IBGE

Gráfico 5.3 – Confiança dos agentes – Sul



Fontes: CNI e CNC

A trajetória recente dos principais indicadores da região aponta acomodação do processo de retração da atividade econômica, delineado desde o final de 2014. Considerado o trimestre encerrado em agosto, houve estabilidade no ritmo de recuo nas atividades comércio e serviços, e alguma retomada na indústria, em cenário de elevação dos níveis de confiança dos empresários.

Importante frisar que a estabilização da atividade na região, após longo período de retração, está sujeita a oscilações características desse processo, refletindo, entre outros fatores, estágios distintos nas dinâmicas setoriais. Nesse contexto, o IBCR-S registrou, na margem, variações respectivas de -1,1% e 1,5% nos trimestres encerrados em agosto e em maio, período em que houve a apropriação das safras de verão, conforme estatísticas dessazonalizadas. Considerados períodos de doze meses, o indicador recuou 4,0% em agosto e 4,6% em maio.

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado recuaram 0,8% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, ante retração de 2,4% em âmbito nacional, destacando-se o desempenho negativo das vendas de veículos, segmento para o qual as condições de crédito são relevantes. Excluídas as comercializações de veículos e de material de construção, as vendas do varejo permaneceram estáveis no trimestre. Prospectivamente, o Indicador de Intenção de Consumo das Famílias (ICF), elaborado pela CNC, recuou 2,7 pontos, para 73,4 pontos, no terceiro trimestre de 2016, sugerindo, portanto, continuidade na fragilidade do consumo.

A despeito do desempenho das vendas, a confiança dos empresários do comércio mostrou importante reação recentemente. Nesse sentido, o Icec, calculado pela CNC, variou 9,3 pontos, para 87,8 pontos, no terceiro trimestre do ano, com avanços nos três componentes do indicador. Destaque-se que os empresários se mostraram confiantes relativamente às perspectivas de curto prazo tanto para a economia

brasileira, como para o setor comercial e a própria empresa.

O desempenho recente do setor de serviços também evidencia a fragilidade do consumo, mas ao mesmo tempo corrobora a percepção de acomodação no ritmo de retração da economia. O volume de serviços não financeiros prestados no Sul diminuiu em 1,1% no trimestre encerrado em agosto, após contração de 2,6% no trimestre anterior, recuos mais intensos que os observados aos correspondentes em nível nacional. Destacaram-se as retrações nos segmentos serviços prestados às famílias e serviços profissionais, administrativos e complementares.

Entre os fatores que contribuem para a evolução do consumo, destaca-se a continuidade da distensão do mercado de trabalho. Nesse contexto, a economia da região eliminou 47,5 mil empregos formais no trimestre finalizado em agosto (103,6 mil em igual período de 2015), redução que segue contribuindo para a queda da massa salarial e da capacidade de compras das famílias. A taxa de desocupação, mensurada pela PNADC, atingiu 8,0% no trimestre encerrado em junho (5,5% em igual período de 2015), repercutindo crescimento de 1,8% na PEA e redução de 0,9% na população ocupada. A mesma pesquisa mostra recuos do rendimento médio habitual real (4,9%) e da massa salarial real (5,4%).

A evolução do mercado de crédito também contribui para o baixo dinamismo da demanda. O saldo das operações com valor superior a R\$1mil realizadas na região totalizou R\$542,8 bilhões em agosto, recuando no trimestre e em doze meses.

A carteira de crédito de pessoas físicas segue com crescimento moderado, destacando-se o aumento dos financiamentos imobiliários, cartão de crédito à vista e crédito consignado no trimestre. A carteira do segmento de pessoas jurídicas continua contraindo, especialmente os saldos das operações com empresas de transporte rodoviário de carga, da indústria de transformação e do comércio, ressaltando-se que os desembolsos do BNDES também mostram trajetória negativa na região – recuos respectivos de 24,0% e de 26,6% nos primeiros nove meses do ano e em doze meses até setembro, em relação a iguais períodos de 2015. A taxa de inadimplência retraiu 0,2 p.p., no trimestre.

No âmbito da oferta, a produção industrial no Sul cresceu 0,6% no trimestre finalizado em agosto,

Gráfico 5.4 – Taxa de desocupação – Sul

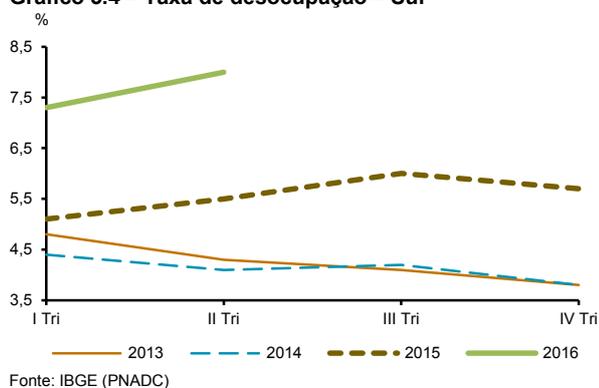
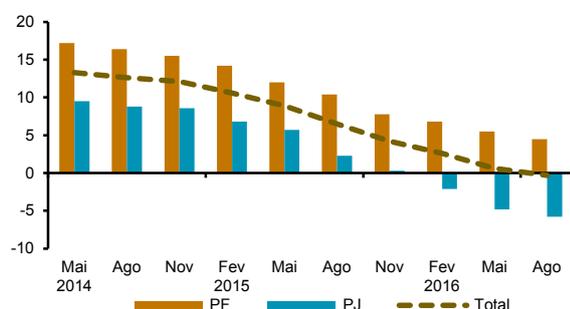


Gráfico 5.5 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

Tabela 5.1 – Produção agrícola – Sul
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2015	2016	
Grãos	73,1	75 794	72 668	-4,1
Soja	45,3	34 930	35 299	1,1
Milho	11,9	24 417	21 178	-13,3
Arroz (em casca)	9,3	9 925	8 697	-12,4
Trigo	3,6	4 854	5 621	15,8
Feijão	2,5	960	814	-15,2
Outras lavouras				
Fumo	7,8	850	668	-21,5
Cana-de-açúcar	3,7	48 202	50 627	5,0
Mandioca	2,7	5 892	5 233	-11,2
Maçã	1,7	1 253	1 056	-15,7
Uva	1,5	1014	519	-48,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2016.

Tabela 5.2 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2015	2016	Var. %	Var. %
Total	31 098	29 975	-3,6	-3,5
Básicos	16 268	15 471	-4,9	-8,1
Industrializados	14 830	14 505	-2,2	3,7
Semimanufaturados	2 352	2 813	19,6	5,2
Manufaturados ^{1/}	12 478	11 692	-6,3	3,2

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.3 – Importação por grandes categorias econômicas - FOB
Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2015	2016	Var. %	Var. %
Total	27 671	21 607	-21,9	-23,1
Bens de capital	4 134	2 800	-32,3	-21,3
Bens Intermediários	16 803	13 760	-18,1	-19,3
Bens de consumo	4 639	3 543	-23,6	-23,7
Duráveis	1 464	955	-34,8	-44,8
Automóveis de passageiros	1 018	673	-33,9	-49,2
Semiduráveis e não duráveis	3 174	2 588	-18,5	-15,6
Combustíveis e lubrificantes	2 095	1 504	-28,2	-43,1
Petróleo	1 808	848	-53,1	-52,7
Demais	286	656	129,4	-39,1
Bens não especificados	0	0	-	18,9

Fonte: MDIC/Secex

em relação ao terminado em maio, quando variou 0,3%, nessa base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. Ressalte-se que a reação recente do setor, um dos fatores que contribuiu para a perspectiva de estabilização da atividade após dois anos de retração, ocorre em cenário de elevado grau de ociosidade¹⁵ na indústria – o NUCI situou-se em 76,4% no trimestre.

Prospectivamente, as expectativas dos empresários do Sul, avaliadas pelo Icei, mantêm trajetória de recuperação consistente, superando a linha de indiferença ao atingir 51,7 pontos no terceiro trimestre do ano (41,1 pontos no anterior).

Em relação à atividade agropecuária, outro importante fator de dinamismo da economia do Sul, os abates de aves e suínos, criações mais relevantes para a economia regional, aumentaram em torno de 4,0% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2015, segundo dados do Mapa para estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF). Em relação à produção vegetal, a safra de grãos de 2016 está estimada em 72,7 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE (39,5% da produção nacional), destacando-se que a renda correspondente auferida, em particular no primeiro semestre do ano, quando foi favorecida pela taxa de câmbio, contribuiu para a maior aquisição de insumos visando a safra de 2017. Com efeito, estimativas da Conab para as produções de arroz, soja e milho no próximo ano, são promissoras.

A retração da atividade econômica impactou o desempenho do comércio internacional da região em 2016. Nesse contexto, a balança comercial foi superavitária em US\$8,4 bilhões nos nove primeiros meses do ano, repercutindo recuos de 3,6% das exportações e de 21,9% das importações. A contração das exportações refletiu recuo nos embarques de produtos básicos (51,6% do total) e de produtos manufaturados (39% do total), enquanto as vendas de semimanufaturados expandiram 19,6% (especialmente celulose, 308,4%). A diminuição das importações decorreu de reduções nas aquisições em todas as categorias de uso.

A trajetória da atividade econômica também influenciou o desempenho fiscal dos entes subnacionais. O *superavit* primário dos governos

15/ Calculado a partir de ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pela Fiergs, Fiesc e Fiep, pela participação das indústrias dos estados respectivos na produção do Sul, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE para 2010.

Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Sul^{1/}

Discriminação	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
		2015	Nominal	Outros ^{4/}		
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Jun	
Total	100 214	-2 745	5 954	3 210	-1 006	102 417
Gov. estad.	99 952	-1 801	5 903	4 102	-1 053	103 001
Capitais	1 518	-371	35	-336	150	1 332
Demais municípios	-1 256	-573	17	-556	-104	-1 916

1/ Inclui inform. dos governos estaduais e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

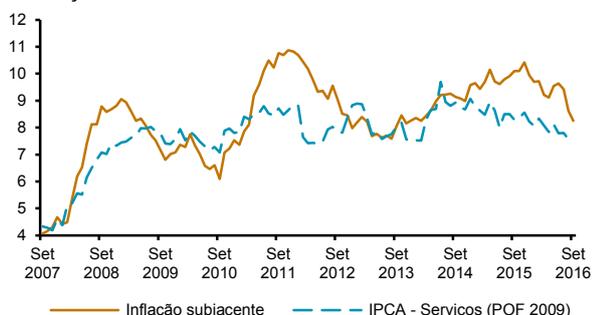
Tabela 5.5 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2015	2016		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	2,74	2,71	1,67	0,82
Livres	76,5	2,64	2,74	1,88	0,93
Comercializáveis	37,5	2,73	3,06	2,11	0,77
Não comercializáveis	39,1	2,55	2,43	1,66	1,08
Monitorados	23,5	3,06	2,62	1,02	0,47
Principais itens					
Alimentação	26,3	4,20	4,59	2,75	0,64
Habitação	15,3	1,55	1,06	0,14	0,17
Artigos de residência	4,4	1,21	2,14	0,64	0,04
Vestuário	6,5	3,02	0,88	2,28	0,23
Transportes	18,3	3,89	2,50	-0,41	1,63
Saúde	11,4	1,77	2,29	4,98	0,80
Despesas pessoais	10,2	1,55	2,33	1,88	1,22
Educação	4,0	0,74	7,34	0,48	2,25
Comunicação	3,5	2,15	-0,74	2,22	0,21

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2016

Gráfico 5.6 - Inflação de Serviços - IPCA Sul
Variação % em 12 meses



Fonte: IBGE

dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sul acumulou R\$2,7 bilhões no primeiro semestre, 40,4% inferior ao observado em igual período de 2015. Esse resultado foi impactado por reduções reais¹⁶ da receita de ICMS e das transferências da União – incluídos os recursos do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) -, que atingiram 1,2% e 8,8%, respectivamente, nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2015.

A variação do IPCA no terceiro trimestre de 2016 evidenciou continuidade do processo de redução da inflação da região¹⁷, destacando-se o impacto favorável da desaceleração nos custos com a alimentação, após dissipação de choque de preços agrícolas, e, no âmbito dos preços monitorados, as variações nos itens energia elétrica residencial (-5,63%) e gasolina (2,79%), influenciada pelo ciclo sazonal nos custos do álcool hidratado. O índice de difusão atingiu 54,6%, ante 62,5% no terceiro trimestre de 2015.

Ainda no âmbito dos preços livres, a variação dos itens de serviços, favorecida pelo aumento da ociosidade no setor, arrefeceu de 1,74%, no segundo trimestre, para 1,30%, no terceiro trimestre do ano. A exemplo do observado em nível nacional, a redução da inflação subjacente no setor serviços persistiu nos últimos meses.

Considerados intervalos de doze meses, o IPCA da região variou 8,17% em setembro, ante 11,87% em 2015, evolução decorrente de desaceleração nos preços monitorados, de 19,80% para 7,33%, e nos preços livres, de 9,71% para 8,43%.

Em linhas gerais, os indicadores econômicos do Sul acompanham a tendência nacional, com números ligeiramente mais favoráveis em relação ao desempenho do setor industrial. A perspectiva favorável para a próxima safra agrícola e a melhora dos indicadores de confiança empresarial sugerem retomada gradual da atividade na região, que tende a ser restrita no curto prazo em função do comportamento de condicionantes do consumo, em especial da continuidade do processo de distensão no mercado de trabalho.

16/ Considerado o IGP-DI como deflator.

17/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

Paraná

Gráfico 5.7 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná

Média móvel trimestral - dados dessazonalizados
2002 = 100

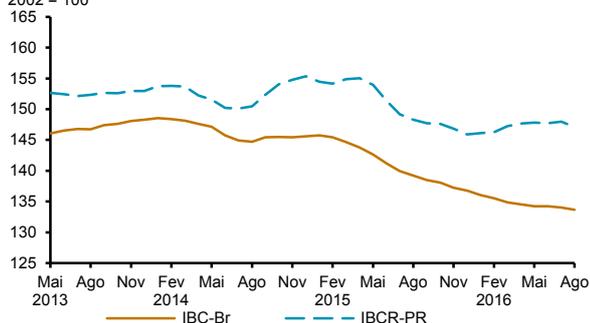


Tabela 5.6 – Índice de vendas no varejo – Paraná

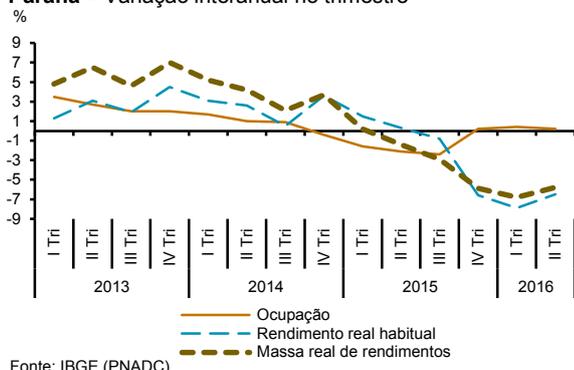
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2015 Ano	2016		
		Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	-3,2	0,1	-0,5	-6,7
Combustíveis e lubrificantes	-3,2	-3,9	-0,1	-10,6
Hiper e supermercados	-1,2	1,6	-0,7	-3,0
Tecidos, vestuário e calçados	-9,9	2,3	1,4	-10,0
Móveis e eletrodomésticos	-11,6	-1,4	-3,0	-13,9
Comércio ampliado	-9,4	-0,4	-1,3	-9,6
Automóveis e motocicletas	-19,7	-2,6	-0,6	-13,9
Material de construção	-8,7	-1,0	-1,4	-11,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.8 – Ocupação, rendimento e massa no Paraná – Variação interanual no trimestre



Fonte: IBGE (PNADC)

A trajetória declinante do PIB estadual, iniciada em 2014, manteve-se no segundo trimestre deste ano, quando o indicador recuou 2,6% na comparação interanual, de acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes). A análise de estatísticas econômicas mais recentes, contudo, sugere processo de acomodação na retração da atividade, com indicações de melhora do nível de confiança dos agentes econômicos e relativa reação na produção industrial. Nesse contexto, e refletindo o esgotamento da apropriação da safra agrícola e a retração do comércio, o IBCR-PR diminuiu 0,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 1,1%, nesse tipo de comparação, dados dessazonalizados.

No âmbito da demanda, as vendas do comércio ampliado recuaram, na margem, 1,3% e 0,4%, respectivamente, nos trimestres encerrados em agosto e em maio, de acordo com dados dessazonalizados da PMC. Excluídas as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, o comércio varejista recuou 0,5% e cresceu 0,1% nos períodos mencionados.

O volume de serviços não financeiros, após três recuos trimestrais consecutivos, variou 0,1% no trimestre encerrado em agosto, conforme séries dessazonalizadas da PMS, destacando-se as variações nos segmentos serviços prestados às famílias (-2,6%) e informação (1,8%).

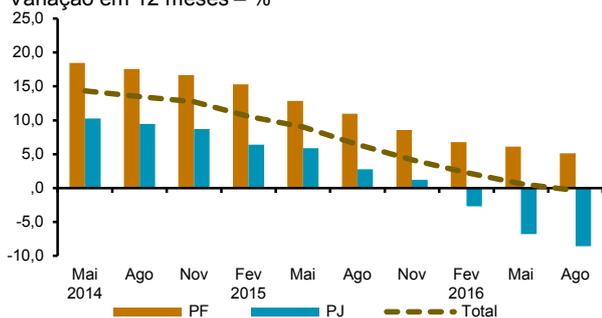
A confiança das famílias, avaliada pelo IFC em Curitiba, segue em elevação em setembro, sugerindo perspectiva favorável para a retomada da demanda. Em oposição, o percentual de famílias endividadas¹⁸ atingiu 89,1% em setembro (85,5% em junho).

As condições da demanda refletem parcialmente a distensão do mercado de trabalho, que registrou, segundo o Caged/MTPS, a eliminação de 12,2 mil postos formais no trimestre encerrado em agosto, ante 29,4 mil em igual período de 2015. Nesse ambiente, a taxa de desocupação atingiu 8,2% no segundo trimestre do ano (6,2% no anterior), enquanto o rendimento médio habitual real e a massa salarial real recuaram 6,5% e 5,8%, respectivamente, na margem, de acordo com a PNADC.

18/ São consideradas na pesquisa as dívidas contraídas por meio de cheques pré-datados, cartões de crédito, carnês de lojas, empréstimo pessoal, aquisições imobiliárias, prestações de automóveis e contratação de seguros.

Gráfico 5.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Varição em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 5.7 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2016		12 meses
		Mai ^{2/}	Ago ^{2/}	
Indústria geral	100,0	0,7	1,9	-8,5
Produtos alimentícios	22,7	5,2	-3,7	-0,3
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	-8,9	-9,5	-6,2
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	-2,5	0,2	-24,0
Máquinas e equipamentos	6,7	34,7	31,6	-15,4
Celulose e prod. papel	5,5	-2,1	5,1	1,7
Outros produtos químicos	4,7	-6,5	9,3	-14,1

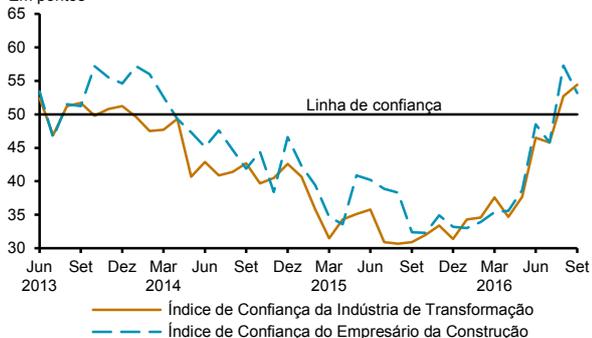
Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres, encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.10 – Confiança do empresariado – Paraná

Em pontos



Fonte: Fiep

O baixo dinamismo do mercado de crédito também repercute sobre o ritmo da atividade econômica. O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas no estado contraiu 0,7% no trimestre, especialmente as realizadas com recursos livres. As operações com pessoas físicas registaram aumento no trimestre, em especial nas modalidades cartão de crédito à vista e crédito consignado, e a carteira de pessoas jurídicas, contração, condicionada pelo desempenho das modalidades cheque especial/conta garantida e capital de giro. A taxa de inadimplência recuou 0,25 p.p., para 3,05%, no trimestre.

No âmbito da oferta, a produção industrial do Paraná cresceu, na margem, 1,9% e 0,7%, respectivamente, nos trimestres encerrados em agosto e em maio, dados dessazonalizados (PIM-PF), destacando-se o desempenho da atividade máquinas e equipamentos. Os indicadores de confiança sugerem perspectivas favoráveis para o setor: em setembro, o Índice de Confiança da Indústria de Transformação (ICIT-PR) atingiu 54,4 pontos (46,5 pontos em junho) e o ICEC-PR, 53,2 pontos em setembro (48,5 pontos em junho), ambos na área de confiança.

A produção agrícola no estado, importante fator para o dinamismo da economia, foi estimada em 35,2 milhões de toneladas em 2016 (19,2% da produção do país). A projeção representa recuo anual de 6,1%, condicionado, em parte, por retrações nas safras de soja, milho, trigo e feijão. O Valor Bruto da Produção (VBP) deverá manter-se estável em termos reais, conforme estimativa do Mapa.

O comércio exterior tem contribuído para atenuar o arrefecimento do dinamismo econômico na região. A balança comercial do Paraná foi superavitária em US\$3,6 bilhões nos nove primeiros meses de 2016 (US\$1,7 bilhão em igual período de 2015), reflexo de variações de 2,2% nas exportações e de -16,7% nas importações, com destaque para os aumentos nas vendas de manufaturados (automóveis de passageiros; veículos de carga) e de semimanufaturados (açúcar de cana em bruto; óleo de soja em bruto). A diminuição nas compras externas ocorreu em todas as categorias de uso, especialmente bens de consumo e bens de capital. China, Argentina e Estados Unidos da América (EUA) mantêm-se como os principais parceiros comerciais do estado, ressaltando-se o crescimento das exportações de automóveis para a Argentina (53,2%).

Tabela 5.8 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas			Variação %
		Produção ^{2/}		2016/2015	
		2015	2016		
Grãos ^{3/}	76,2	37 525	35 249	-6,1	
Soja	49,1	17 229	16 970	-1,5	
Milho	16,5	15 777	13 924	-11,7	
Trigo	5,8	3 331	3 271	-1,8	
Feijão	4,1	726	603	-17,0	
Outras lavouras					
Cana-de-açúcar	7,7	47 368	49 860	5,3	
Fumo	3,4	180	149	-17,0	
Batata-inglesa	2,7	844	753	-10,8	
Mandioca	2,5	4 313	3 742	-13,2	

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015

2/ Estimativa segundo o LSPA de outubro de 2016.

3/ Cereais, leguminosas e oleaginosas.

Tabela 5.9 – IPCA – RMC

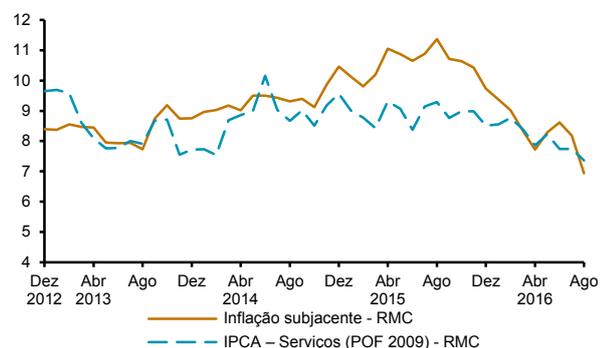
Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2015	2016		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	2,89	2,13	1,49	0,48
Alimentação	25,2	4,04	4,38	2,66	0,88
Habitação	16,4	1,28	-0,85	0,47	-1,71
Artigos de residência	4,2	1,70	2,08	-1,00	-0,10
Vestuário	7,0	2,99	1,10	1,63	0,78
Transportes	18,9	4,51	1,84	-0,57	1,91
Saúde	11,6	1,86	2,19	4,98	-0,07
Despesas pessoais	9,9	2,56	2,50	1,59	0,79
Educação	3,4	1,09	7,68	0,37	1,79
Comunicação	3,3	1,78	-1,02	1,80	0,30

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2016.

Gráfico 5.11 – Inflação de serviços - RMC

Variação % em 12 meses



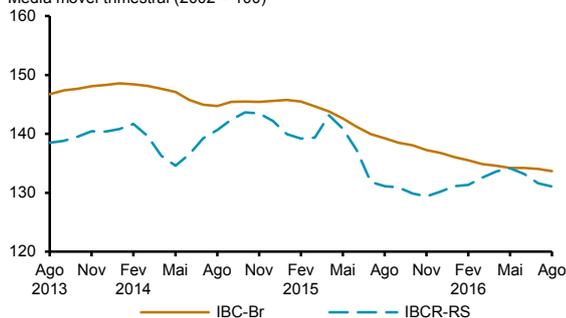
Fonte: IBGE e BCB

A trajetória do IPCA da Região Metropolitana de Curitiba indica continuidade do processo de desinflação. O indicador variou 0,48% no terceiro trimestre (1,49% no segundo), resultado de desaceleração dos preços livres e de queda dos preços administrados, que repercutiu o impacto do recuo de 11,19% na tarifa de energia elétrica residencial. A evolução dos preços livres decorreu, principalmente, da dissipação da alta nos preços de alimentação e da desaceleração da inflação subjacente no setor de serviços. O índice de difusão atingiu média de 51,2% no trimestre encerrado em setembro (58,1% em igual período de 2015).

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.12 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2002 = 100)

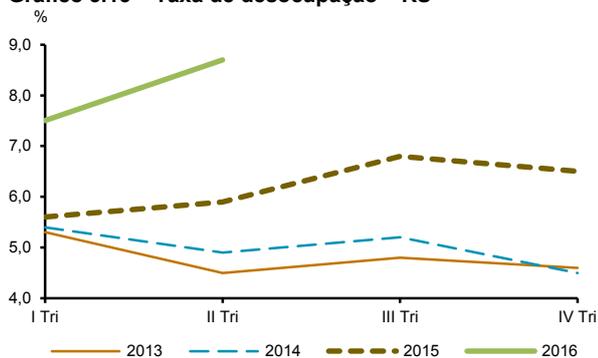


O PIB do estado recuou 3,1% no segundo trimestre de 2016, ante retração de 4,4% no trimestre anterior, em relação a iguais trimestres do ano anterior, segundo dados da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE). A moderação repercutiu retrações menos intensas em todos os setores, com destaque para os crescimentos da construção e dos Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), no âmbito da indústria. Indicador mais tempestivo da atividade econômica, o IBCR-RS diminuiu 2,3% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia crescido 2,1% na mesma base de comparação, favorecido pelo impacto da concentração de colheitas, sobretudo da soja e do milho.

Sob a ótica da demanda, o volume de serviços não financeiros repercutiu a retomada gradual da atividade industrial e a colheita das safras de verão. Nesse contexto, o indicador registrou arrefecimento do ritmo de retração no trimestre até agosto, segundo dados da PMS do IBGE.

As despesas com consumo seguem influenciadas pelo reduzido dinamismo do mercado de crédito e pelo processo de distensão no mercado de trabalho, com redução da massa de rendimentos e do rendimento médio. Nesse cenário, as vendas do comércio ampliado permaneceram, na margem, em declínio no trimestre até agosto (-1,0%), mas em intensidade menor do que no trimestre finalizado em maio (-2,3%), contribuindo para a melhora da confiança dos empresários – o indicador Icec atingiu 89,8 pontos no terceiro trimestre do ano, ante 82,8 pontos no trimestre.

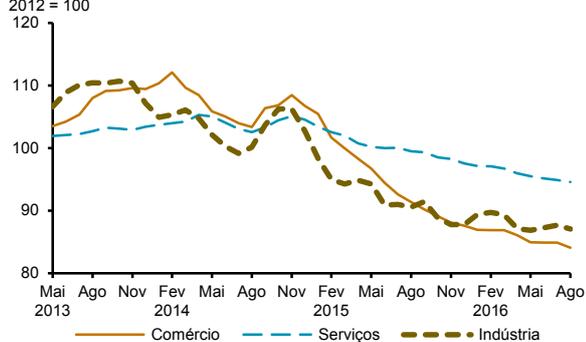
Gráfico 5.13 – Taxa de desocupação – RS



Fonte: IBGE (PNADC)

De fato, o mercado de trabalho do estado segue contribuindo negativamente para o desempenho do comércio, embora registre resultados menos desfavoráveis na margem. Nesse sentido, segundo o Caged, houve corte de 24,2 mil postos formais no trimestre encerrado em agosto (44,6 mil em igual trimestre de 2015), período em que o nível de emprego formal recuou 0,6% (retração de 0,9% no trimestre finalizado em maio), dados dessazonalizados. Adicionalmente, de acordo com a PNADC do IBGE, a taxa de desocupação atingiu 8,7% no segundo trimestre, ante 7,5% no anterior, aumento decorrente de redução da população ocupada e crescimento da PEA, com impactos negativos sobre o rendimento médio e a massa salarial.

Gráfico 5.14 – Comércio, serviços e indústria - RS
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2012 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.10 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		Variação % 2016/2015
		Produção ^{2/} 2015	2016	
Grãos	75,7	31 821	31 381	-1,4
Soja	47,2	15 700	16 190	3,1
Arroz	18,5	8 679	7 504	-13,5
Milho	6,6	5 564	4 724	-15,1
Trigo	2,1	1 392	2 182	56,7
Feijão	0,7	96	88	-7,9
Outras lavouras				
Fumo	8,9	415	324	-22,0
Mandioca	3,3	1 155	1 105	-4,3
Uva	2,4	876	416	-52,6
Maçã	1,7	599	485	-18,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2016.

Nesse cenário, o ICF, divulgado pela Federação do Comércio de Bens e Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS), seguiu em trajetória declinante e registrou 57 pontos no trimestre encerrado em setembro, mantendo-se na zona que denota falta de confiança (abaixo de 100 pontos). Esse desempenho refletiu reduções nos indicadores que avaliam a confiança de consumidores com renda de até dez salários mínimos e de renda superior a dez salários mínimos.

O desempenho do mercado de crédito também contribuiu para o reduzido dinamismo dos gastos com consumo. O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil retraiu, em agosto, 1,7% no trimestre e 1,0% em doze meses, com recuo mais acentuado no segmento de pessoas jurídicas, sobretudo pela redução das operações junto à indústria de alimentos e bebidas e do comércio. A relativa estabilidade na inadimplência das operações de crédito, que atingiu 3,4% no período, refletiu redução no segmento de pessoas físicas e ampliação no de jurídicas.

Ressalte-se que o menor dinamismo das operações de crédito envolvendo o segmento de pessoas jurídicas não impediu a reação da indústria, em ambiente de crescimentos da produção e das compras do setor, e de melhora nas perspectivas dos empresários. A produção industrial aumentou, na margem, 0,3% no trimestre encerrado em agosto, ante retração de 3,2% no trimestre finalizado em maio, destacando-se o desempenho do segmento metal-mecânico, conforme a PIM, IBGE. Na mesma base de comparação, segundo a Fiergs, as compras da indústria aumentaram 3,0%, embora os estoques de produtos finais tenham permanecido acima do planejado, evolução consistente com o crescimento do Iceli no terceiro trimestre, com destaque para a melhora das expectativas empresariais para os próximos seis meses. Apesar da recuperação da atividade, a indústria do estado segue operando com elevada ociosidade – o NUCI atingiu média de 78,2% no trimestre até agosto (78,9% no findo em maio), série dessazonalizada.

Ainda no âmbito da oferta, a safra de grãos gaúcha – importante vetor de dinamismo da economia local – deverá atingir 31,4 milhões de toneladas em 2016 (17,1% da produção nacional), recuando 1,4% no ano, apesar do recorde na safra de soja. O VBP real dos principais produtos agrícolas gaúchos deverá diminuir 0,5% em 2016, conforme o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Tabela 5.11 – Exportações por principais setores do Rio Grande do Sul: Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões		
	Valor		Var. %
	2015	2016	
Agricultura e pecuária	3 938	3 656	-7,2
Indústria de transformação ^{1/}	9 613	8 804	-8,4
Alimentos e bebidas	2 908	2 666	-8,3
Produtos químicos	1 406	1 223	-13,0
Fumo	1 171	1 065	-9,1
Calçados e couros	722	734	1,7
Veículos	673	705	4,8
Máquinas e equipamentos	637	587	-7,8
Celulose, papel e prod de papel	190	475	150,0
Produtos de metal	292	291	-0,3
Borracha e plástico	240	219	-8,8
Madeira	99	129	30,3
Móveis	134	128	-4,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Itens selecionados.

A relevante participação da soja nas vendas externas contribuiu para que o *superavit* da balança comercial do estado aumentasse 14,0% nos nove primeiros meses do ano, em bases interanuais. Ressalte-se que esta expansão foi condicionada, em especial, pela retração de 24,6% nas importações (-16,8% nos preços e -9,4% no *quantum*), compatível com o cenário de retração da renda interna e da indústria, no período considerado.

O IPCA na região metropolitana de Porto Alegre evidenciou desaceleração da inflação no estado. O indicador variou 1,13% no terceiro trimestre do ano, ante 1,85% no segundo, evolução associada, em especial, às desacelerações, de 2,08% para 0,92%, dos preços livres, e de 2,03% para 1,10% na inflação subjacente no setor de serviços. O índice de difusão atingiu 51,7%, ante 61,0% em setembro de 2015.